Aula 3

REFERENCIAIS DA PESQUISA EDUCACIONAL E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

META

Abordar referenciais teóricos da pesquisa educacional e apresentar os principais instrumentos que podem ser utilizados para coletar dados.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer alguns referenciais teóricos que sustentam as pesquisas em educação;

saber a importância da escolha e construção do instrumento de coleta de dados para a pesquisa;

visualizar diferentes métodos que poderão ser utilizados para coleta de dados;

refletir sobre a adequação do método de coleta de dados ao referencial a ser utilizado;

elaborar e aplicar diferentes instrumentos de coleta de dados.

Gláucia da Conceição Lima
Glauber Santana de Sousa

INTRODUÇÃO

Nesta aula vamos conhecer as características principais de alguns referenciais teóricos adotados nas pesquisas em educação, com o intuito de promover uma reflexão sobre o nosso papel enquanto pesquisador. É necessário compreender tais referenciais, pois as pesquisas estarão embasadas em uma corrente de pensamento que tem relação com nossa percepção social ou visão de mundo. Em seguida vamos apresentar os instrumentos que poderão ser utilizados na coleta das informações para os projetos de pesquisa. O método escolhido deve estar de acordo com o referencial teórico adotado, pois é através dele que a pesquisa começa a tomar forma, é ele que vai fornecer os dados para serem interpretados e analisados, de modo que, quanto mais bem elaborado o instrumento de coleta de dados maior a chance de sucesso nas etapas posteriores. Vale ressaltar que algumas pesquisas utilizam mais de um instrumento de coleta de dados de maneira a aproveitar as vantagens de cada método; alguns pesquisadores afirmam que o uso de vários procedimentos permite aprofundar melhor o objeto pesquisado.

> "Existem numerosos valores cuja legitimidade um indivíduo pode reconhecer sem compartilhá-los. Mas os valores metodológicos forçam a aceitação do pesquisador: sem eles, não pode haver ciência. São como valores obrigatórios".
>
> (LAVILLE E DIONE, 1999)

Para abordarmos os tipos de referenciais da pesquisa em educação convidamos para uma leitura reflexiva do texto abaixo, extraído do artigo de Maria Teresa de Assunção Freitas, Doutora em Educação - PUC-Rio - Professora da Faculdade de Educação/UFJF e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFJF - e Pesquisadora do CNPq e da FAPEMIG).

REFERENCIAIS DA PESQUISA: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

No Brasil, foi com a emergência da Pós-Graduação nos anos 60, e depois com sua expansão, que de fato se configurou um quadro no qual a pesquisa educacional ganhou visibilidade em seu campo específico. Em seu início, as pesquisas educacionais se pautaram especialmente no referencial positivista, próprio das ciências naturais e exatas que já tinham tradição no meio acadêmico. Esse referencial esteve e está ainda muito presente em nossa formação de pesquisadores. Tendo como finalidade da investigação a explicação, o controle, a predição, a formulação de leis gerais e considerando a realidade como objetiva e apreensível, entende a relação do

sujeito conhecedor com o objeto de pesquisa como neutra, independente de valores. O que interessa na perspectiva positivista é a explicação causal, as generalizações, as análises dedutivas e quantitativas, centradas nas possibilidades de reprodução do evento.

O referencial interpretativista, que assume destaque a partir da década de 80, coloca como finalidade da investigação a compreensão e a interpretação, tendo a convicção de que o real não é apreensível diretamente, mas, sim, uma construção dos sujeitos que entram em relação com ele. Assim, o que é valorizado, na relação do sujeito com o objeto de investigação, são as relações influenciadas por fatores subjetivos que marcam a construção de significados que emergem no campo. São produzidas análises indutivas, qualitativas, centradas sobre a diferença. Nessa perspectiva, os valores do pesquisador influenciam na seleção do problema, da teoria e dos métodos de análise. O pesquisador torna-se um construtor da realidade pesquisada pela sua capacidade de interpretação entendida como uma criação subjetiva dos participantes envolvidos nos eventos do campo. Essa abordagem, ao conceber a realidade como construída pelos sujeitos que com ela se relacionam, assinala já uma mudança, uma contraposição em relação ao modelo positivista e racionalista.

O referencial crítico, que emerge a partir dos anos 70 e ganha força, sobretudo nos anos 80, tem como finalidade da investigação não apenas o compreender, mas principalmente o transformar. No movimento de compreensão, identifica o potencial de mudança a partir de atitudes de intervenção. Compreende a realidade como uma construção dos múltiplos sujeitos que nela interagem, incorporando o conflito. A relação do pesquisador com o objeto de pesquisa é marcada pelo desejo de mudança, pelo compromisso com a emancipação humana. Suas análises contextualizadas, indutivas, qualitativas, centradas na diferença, se assemelham às do modelo interpretativista, mas valorizam a importância dos processos sociais coletivos. Há, pois, uma preocupação com a crítica dos valores dados, das ideologias. Estão presentes aí os aportes do materialismo histórico.

Em síntese, no referencial positivista, o pesquisador se coloca em uma situação de isenção diante da realidade, enquanto, no referencial interpretativista, o pesquisador se detém em olhar a realidade e construir dela uma interpretação. Diferentemente, no referencial crítico, existe da parte do pesquisador um compromisso com a transformação da realidade. Essa é a posição da perspectiva sócio-histórico-cultural: compreensão que se realiza no encontro entre sujeitos. Encontro que tenciona e que faz emergir as contradições. Encontro que leva a um comprometimento, uma vez que ser no mundo compromete.

Fazer pesquisa, pois, não é um ato solitário e individual. É antes de tudo um ato responsável.

- Qual o nosso compromisso como educadores e pesquisadores?

- Que sociedade queremos e precisamos construir?
- A pesquisa educacional está a serviço de quem e do quê?
- Que pesquisas estamos produzindo em nossas universidades e em nossos programas de pós-graduação?
- A partir delas, que realidade estamos desvelando e compreendendo?
- Que possibilidades estão apontando para uma intervenção transformadora da realidade?
- Quais as indicações de alternativas para os problemas numerosos e graves da educação?
- Nossas pesquisas estão dando subsídios para novas políticas educacionais mais emancipatórias e democráticas?

Ao responder a essas questões, estaremos refletindo sobre o sentido histórico, social, político e técnico de nossas pesquisas. Que esse exercício crítico sobre a produção de conhecimento na área da educação pode nos levar a ações consequentes e responsáveis?

Para ler o artigo na íntegra, acessar:

http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/maria_teresa_freitas.pdf

Após conhecimento sobre os referenciais da pesquisa e reflexão do próprio papel da pesquisa em educação, vamos tratar dos instrumentos que subsidiarão a coleta dos dados nas pesquisas. Começaremos este tópico trazendo a definição de Pedro Demo que nos relembra conceitos vistos na 1ª aula, que diz "pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade" (DEMO, 1987, p. 23). Para tanto, deveremos utilizar de uma determinada metodologia (adequada ao que se pretende investigar) e saber escolher com coerência algum instrumento para coleta de dados. Esta fase da pesquisa é de suma importância, pois a escolha de um bom método de apreensão de dados é que de fato vai trazer as respostas que o pesquisador quer saber.

De acordo com Marconi e Lakatos (2007, p.34), a importância dos dados está não neles mesmos, mas no fato de proporcionarem respostas às indagações. Assim, transformar o resultado de entrevistas, de observações obtidas pela literatura ou documentos oficiais e de respostas de questionários em dados, requer a adoção de métodos que permitam extrair as respostas buscadas para os objetivos traçados previamente; tais procedimentos devem ser adequados para atender o problema em questão.

Quanto a isso, Bourdieu (1999) aponta que a escolha do método não deve ser rígida, mas sim rigorosa, ou seja, o pesquisador não necessita seguir um método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos que forem utilizados devem ser aplicados com rigor.

A seguir técnicas e instrumentos para coleta de dados:

Observação

O ato de observar é algo inerente ao ser humano, é através da observação que nos relacionamos com o mundo que nos rodeia, emitimos juízos de valor e adotamos determinadas posturas para o convívio social. Para que a observação assuma caráter científico deve assumir algumas características inerentes à pesquisa, como por exemplo, o rigor e adequação ao objeto estudado ou hipótese investigada. Segundo Laville e Dione:

> A observação como técnica de pesquisa não é contemplação beata e passiva; não é também um simples olhar atento. É essencialmente um olhar ativo sustentado por uma questão e por uma hipótese cujo papel essencial – é um leitmotiv– desta obra simplesmente reconhecemos (1999, p.176).

A observação é bastante utilizada para analisar o comportamento das pessoas, podendo ser estruturada ou não-estruturada. A estruturada requer um bom conhecimento do contexto e o pesquisador fica mais distante do sujeito investigado, diminuindo a influencia do pesquisador nos comportamentos observados. A observação participante pode ser citada como o tipo mais comum do modelo pouco ou não-estruturado; aqui o pesquisador se insere no grupo para compreender seu comportamento, há uma característica antropológica neste tipo de pesquisa.

Questionário

É um instrumento de pesquisa que busca extrair opiniões, conceitos, valores e a depender da forma como for organizado permitirá ao pesquisador traçar um perfil dos respondentes. Sua elaboração é responsabilidade do pesquisador, devendo o mesmo estar atento ao uso de uma linguagem clara e direta, para que os respondentes possam entender claramente o que está sendo perguntado. De acordo com os objetivos propostos pode-se utilizar questões fechadas (tipo sim ou não, as alternativas deverão ser delimitadas pelo pesquisador), questões abertas (quando se busca uma opinião sobre determinado assunto) e ainda questões mistas ou de múltipla escolha.

Uma grande vantagem deste instrumento é que ele pode ser aplicado simultaneamente a um grande número de sujeitos, atendendo as pesquisas que necessitam de uma amostra grande; podendo inclusive ser encaminhado via internet (questionário on-line) ampliando ainda mais o universo da pesquisa. Vale ressaltar a importância de uma boa explicação sobre os objetivos da pesquisa com uma breve apresentação da mesma, no inicio do questionário, de forma a sensibilizar os possíveis respondentes a o fazerem com seriedade.

Caso o pesquisador use um questionário produzido por outra pessoa é necessário indicar a fonte (quem o elaborou) ou ainda, se usado em partes, citar Adaptado de: Fulano de Tal, Ano.

A identificação dos respondentes é opção do pesquisador a depender das necessidades desta informação. Por exemplo, quando se aplica o questionário a um grande número de pessoas para depois selecionar um grupo menor para ser entrevistado é imprescindível a identificação e contato dos respondentes.

É indicado que antes de aplicar o questionário o pesquisador realize um pré-teste para averiguar sua eficácia a fim de validá-lo ou quem sabe corrigir eventuais erros ou problemas de formulação.

Algumas observações pertinentes à elaboração de um questionário:

- O visual deve ser atrativo e facilitar o preenchimento;
- Deve-se atentar a quantidade de questões para não desestimular o respondente;
- As perguntas gerais dever vir antes das específicas;
- Nas questões subjetivas observar o espaço dado para respostas;
- As possíveis instruções para preenchimento e apresentação devem vir destacadas das perguntas;
- Evitar gírias, abreviações e realizar revisão ortográfica.

Modelo de questionário on-line:

Prezado (a) Professor (a):
O formulário apresentado nessa página servirá de subsídio para a minha dissertação, intitulada "Concepções e uso dos Mapas conceituais pelos docentes dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe".
Solicito especial atenção aos Campos indicados para nome e e-mail par um possível contato posterior. Após preencher todos os campos clique em "enviar" e seu formulário será postado automaticamente.
Desde já agradeço sua colaboração.

Glauber Santana de Sousa – Mestrando em Educação/NPGED-UFS

Nome:
E-mail:
Telefone:

1.0) Dados Gerais – Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

1.1 Titulação acadêmica máxima:
( ) graduação ( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado

1.2 Especificar a área da última Titulação acadêmica ________________

1.3 Níveis que leciona: ( ) Graduação ( ) Pós-graduação

1.4 Tempo que leciona no ensino superior ________________

1.5 Vínculo com a instituição: ( ) Efetivo ( ) Substituto

2.0) Você já ouviu falar sobre Mapas Conceituais?
( ) Sim (responda os itens 2.1 e 2.2) ( ) Não

2.1 Descreva em poucas linhas o que você sabe sobre Mapas Conceituais.

2.2 Já tendo conhecimento sobre os mapas conceituais, nas disciplinas de formação pedagógica, você:
( ) Usa frequentemente
( ) Usa esporadicamente
( ) Não faz uso nas suas aulas

OBRIGADO PELAS RESPOSTAS!!!

Entrevista

A entrevista é definida por Haguette (1997, p.86) como um "processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado". A fala do entrevistado exprime seu ponto de vista servindo para que o pesquisador possa obter um maior número de informações sobre determinado tema, assim, quando bem realizadas, fornecem um rico e vasto material para a pesquisa.

O pesquisador pode anotar o que o entrevistado fala ou gravar a fala deste. A gravação se torna mais eficiente, poisnão há risco de perder alguma opinião e pode-se voltar a informação original sempre que necessário. Deve-se deixar o entrevistado à vontade, pois neste diálogo o entrevistador deve ouvir mais e falar menos. As entrevistas, para que sejam bem sucedidas necessitam de um bom planejamento e habilidade do pesquisador na condução da entrevista. Mesmo com boas questões,se um entrevistador não tiver habilidade, não teremos como resultado uma boa entrevista. Segundo Barbosa (1998), algumas habilidades desejáveis no entrevistador são:

- conhecimento do assunto objeto da entrevista;
- capacidade de síntese e decisão;
- boa comunicação oral;
- colocação imparcial perante o entrevistado;
- autocontrole emocional.

A entrevista requer um tempo maior do pesquisador para sua efetivação. Envolve basicamente as seguintes etapas:

- laboração de um roteiro;
- Pré-teste;
- Entrevista;
- Transcrição (quando gravada).

A transcrição requer muita paciência e, preferencialmente, deve ser feita por quem realizou a entrevista, neste momento o pesquisador já vai se apropriando do teor da fala do entrevistado.

Basicamente temos três tipos de entrevista:

- Semi-estruturada: prepara-se previamente as questões-guia que irão orientar a entrevista, devendo todos os entrevistados responder as mesmas questões. Há uma certa flexibilidade na exploração das questões.

- Estruturada: elaboram-se questões fechadas e busca-se uma maior uniformização entre os entrevistados. As perguntas são feitas exatamente conforme foram escritas não cabendo ampliar ou aprofundar quesitos que não haviam sido pensados na fase de elaboração das questões.

- Não estruturada: desenvolve-se sem que haja um roteiro fixo, é no fluir da conversa que as questões vão sendo abordadas pelo entrevistador. Esta é a mais flexível e a que talvez necessite maior habilidade do entrevistador.

Nas realizações de entrevistas é necessário solicitar ao entrevistado que assine um termo de cessão de direitos para que seu relato possa ser utilizado pelo pesquisador.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Aracaju, ___ de Janeiro de 2011.

Eu, ____, Estado civil:__________________ RG:_________________, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em ____, de ___________de 2011 para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente dada, como fonte para a Monografia do pesquisador Fulano de Tal. Da mesma forma autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando vinculado o controle e gravação da mesma ao pesquisador supra citado.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

____

Assinatura

Grupo Focal

Como o nome sugere, este é um instrumento coletivo de coleta de dados. Consiste em reuniões em pequenos grupospara discussão de determinados temas sob a condução do pesquisador. Costuma-se usar dinâmicas de grupo para descontrair e criar um clima de confiança entre os participantes. Etapas para o trabalho com grupo focal:

- Definir o perfil dos participantes;
- Programar o número de encontros;
- Organizar as reuniões; estas devem ocorrer de preferência em um local agradável e os participantes devem estar a vontade para participar;
- Levar um roteiro com os tópicos que pretende discutir;
- Deve-se anotar tudo que ocorrer nos encontros e se possível gravar ou filmar;
- Logo após é aconselhável que o pesquisador faça um relatório com data, nome dos participantes, duração da sessão, resultados e observações pertinentes.

O pesquisador irá atuar como um mediador e para tanto deve estar seguro do que deseja coletar nos encontros para evitar possíveis desvios. Também deve ser bem visto pelo grupo para melhor conduzir o processo.

Barbosa (1998) aponta as principais características de um Grupo Focal:
- Cada grupo é organizado com pequeno número de pessoas (no máximo 12) paraincentivar interação entre os membros;
- Cada sessão dura aproximadamente 90 minutos;
- A conversação concentra-se em poucos tópicos (no máximo 5 assuntos);
- O moderador tem uma agenda onde estão delineados os principais tópicos a serem abordados. Estes tópicos são geralmente pouco abrangentes, de modo que aconversação sobre os mesmos se torne relevante;
- Há a presença de observador externo (o qual não se manifesta) para captar reaçõesdos participantes.

<u>Análise documental</u>

Consiste na averiguação de qualquer registro escrito seja de fontes oficiais (jornais, diário oficial, pareceres, leis, livros, atas de reuniões, planos de aula, registros em diário escolar, etc.) ou pessoais (cartas, telegramas, diários, testamentos, etc.). Cabe ao pesquisador desenvolver a habilidade de investigar no material escrito as informações que lá se encontram para transformá-las em dados científicos.

Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznadjer:

> A análise de documentos pode ser a única fonte de dados – o que

> costuma ocorrer quando os sujeitos envolvidos na situação estudada não podem mais ser encontrados – ou pode ser combinada com outras técnicas de coleta, o que ocorre com mais frequência. Nesses casos, ela pode ser usada, tanto como uma técnica exploratória (indicando aspectos a serem focalizados por outras técnicas), como para "checagem" ou complementação dos dados obtidos por meio de outras técnicas (2001, p. 169).

CONCLUSÃO

Podemos perceber que o ato de pesquisar cientificamente envolve o conhecimento de critérios que precisam ser apropriados pelo pesquisador a fim de tornar seu trabalho coerente. Independente do método escolhido cabe-nos deixar explícito o porquê se utilizou determinado(s) instrumento(s) para colher os dados, não esquecendo que a escolha do instrumento deve ter relação com o referencial teórico adotado.

RESUMO

As pesquisas educacionais pautam-se, basicamente, em três referenciais teóricos: o positivista, interpretativista e crítico. Na perspectiva positivista é dada uma ênfase a explicação causal, as generalizações, as análises dedutivas e quantitativas, centradas nas possibilidades de reprodução do evento. A abordagem interpretativista coloca como finalidade da investigação a compreensão e a interpretação, tendo a convicção de que o real não é apreensível diretamente, mas, sim, uma construção dos sujeitos que entram em relação com ele. Ao conceber a realidade como construída pelos sujeitos que com ela se relacionam, assinala já uma mudança, uma contraposição em relação ao modelo positivista e racionalista. O referencial crítico tem como finalidade da investigação não apenas o compreender, mas principalmente o transformar. Além da definição do referencial teórico da pesquisa é importante saber escolher, com coerência, algum instrumento para coleta de dados. Os instrumentos mais utilizados nas pesquisas educacionais são: a observação, questionários, entrevistas, grupo focal e análise documental.

ATIVIDADES

1. Aponte as principais características dos três tipos de referencial que pode ser adotado nas pesquisas em educação.

2. Simule que você está fazendo uma pesquisa na sua escola sobre bullying, escolha um dos instrumentos apresentados na aula de hoje, justifique sua escolha e elabore um esboço dele.
3. Pesquise na internet algum trabalho que tenha utilizado a entrevista como método de coleta de dados. Verifique o tipo de entrevista, em qual contexto foi utilizada, que questões foram formuladas e se atendem aos objetivos propostos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As atividades buscam aprofundar o conhecimento sobre o conteúdo da aula e integrar o aluno às pesquisas já desenvolvidas.

AUTO-AVALIAÇÃO:

- Quais as principais diferenças encontradas nos referenciais teóricos das pesquisas em educação?
- Quais as características dos instrumentos de coleta de dados?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula iremos apresentar as etapas de um projeto científico.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Planejamento de pesquisas Qualitativas. In: ___________ **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BARBOSA, E. F. **Instrumentos de Coleta de Dados em Projetos Educacionais**. Disponível em <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B363E5BFD-17F5-433A-91A0-2F91727168E3%7D_instrumentos%20de%20coleta.pdf> Acesso em: 06 de jun. 2011.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREITAS, M. T. A. **A pesquisa em educação**: questões e desafios. Disponível em: <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/maria_teresa_freitas.pdf> Acesso em: 09 de jul. 2011.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997
LAVILLE, C.; DIONNE, J. A Pesquisa Científica Hoje. In: **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 6. ed – 3ª reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.